



# COM QUANTOS VERBOS SE FAZ UMA PESQUISA?

Simone Zanon Moschen  
Cláudia Bechara Fröhlich  
Luciano Bedin da Costa  
[organizadores]



ABRAPSO EDITORA

# COM QUANTOS VERBOS SE FAZ UMA PESQUISA?

Simone Zanon Moschen  
Cláudia Bechara Fröhlich  
Luciano Bedin da Costa  
(organizadoras)



ABRAPSO EDITORA

**Editora Geral**  
Andrea Vieira Zanella

**Editora Executiva**  
Ana Lídia Brizola

**Conselho Editorial**  
Ana Maria Jacó-Vilela – UERJ  
Andrea Vieira Zanella - UFSC  
Benedito Medrado-Dantas - UFPE  
Conceição Nogueira – Universidade do Minho - Portugal  
Francisco Portugal – UFRJ  
Lupicínio Íñiguez-Rueda – UAB - Espanha  
Maria Lívia do Nascimento - UFF  
Pedrinho Guareschi – UFRGS  
Peter Spink – FGV

**Capa, projeto gráfico e diagramação**  
Fábio Brüggemann - estúdioemprelo@gmail.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Com quantos verbos se faz uma pesquisa [livro eletrônico] / organização Simone Zanon Moschen, Claudia Bechara Frohlich, Luciano Bedin da Costa. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023.  
PDF

Bibliografia.  
ISBN 978-65-88473-24-5

1. Psicanálise 2. Psicologia 3. Psicologia social  
4. Psicologia - Pesquisa I. Moschen, Simone Zanon.  
II. Frohlich, Claudia Bechara. III. Costa, Luciano Bedin da.

23-169000

CDD-150.72

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia : Pesquisa 150.72

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



A Editora da ABRAPSO adota a licença da Creative Commons CC BY:  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivados - CC BY-NC-ND:  
Esta licença é a mais restritiva das seis licenças principais, permitindo que os outros façam o download de suas obras e compartilhem-nas desde que deem crédito a você, não as alterem ou façam uso comercial delas.  
Acesse as licenças: <http://creativecommons.org/licenses/>

# Atravessar

**Simone Zanon Moschen**  
**Cláudia Bechara Fröhlich**  
**Luciano Bedin da Costa**

Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Guimarães Rosa (1967)

O trabalho da memória é sinuoso e por vezes traiçoeiro; caprichoso, diria Virgínia Woolf:

A memória é a costureira, e costureira caprichosa. A memória faz a sua agulha correr para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem em seguida, o que virá depois. Assim, o ato mais vulgar do mundo, como o de sentar-se a uma mesa e aproximar o tinteiro, pode agitar mil fragmentos díspares, ora iluminados, ora em sombra, pendentes, oscilantes, e revirando-se como a roupa branca de uma família de catorze pessoas, numa corda ao vento. (Woolf, 1988, p. 44)

Abrir esse livro nos convoca a um trabalho de memória e a suportar os riscos de seus caprichos. Os textos que aqui se encontram foram tecidos no vivo das conversas virtuais que, como pequenas janelas por onde é possível sentir passar um ar fresco, cadenciaram, em sua abertura, o atravessamento de um tempo de medos e isolamentos. Eles registram os efeitos dos encontros *on-line* do NUPPEC\_eixo2 durante os anos de 2020 e 2021, anos em que fomos assolados pela pandemia do

Covid-19 que, no caso do Brasil, teve seus efeitos agravados pela gestão de um governo negacionista. Uma crise sanitária somada a uma crise política. E, talvez, nos zigue-zagues da costureira memória, a história que nos cabe contar comece até mesmo antes, no ano de 2016 – arriscamos essa data, ainda que os começos sejam sempre cortes arbitrários cravados na seta do tempo cronológico.

Há dez anos, desde os inícios do NUPPEC, costumamos, no \_eixo2, nos reunir periodicamente em torno de um tema. Um tema transversal de estudo, um convite à leitura, ao debate, à escrita. Um momento para compartilharmos, em nossa pequena comunidade-pensante, o que estamos movimentando com nosso trabalho de pesquisa, in(ter)venção, ensino... Em 2016 nos ocupávamos do tema das ficções abrindo o pensamento na direção do ensaio, modalidade de escrita muito propícia à transmissão do pensamento que se orienta a partir da psicanálise. Reuníamos-nos nas terças-feiras pela manhã e, na reunião que seguiu o *impeachment* (golpe) da presidenta Dilma Rousseff, estávamos todas atordoadas<sup>1</sup>. Perplexas com os acontecimentos, com o acompanhamento da votação durante horas; uma votação que expôs um parlamento que anunciava seu voto - exercício de uma função pública outorgada pela representatividade advinda de uma eleição - sustentado em motivos estarrecidamente privados (em nome da minha mãe, esposa, filhos...). Estávamos nauseadas diante do

<sup>1</sup> Optamos, em nossa escrita, por uma flutuação de gênero com o intuito de desestabilizar a hegemonia do masculino nos caminhos do pensamento ocidental.

que nos parecia um teatro de horrores quando lembramos de uma frase que até hoje tem nos servido, nos momentos mais difíceis, como ponte para alcançar a outro ponto do território (anímico, político, pensante...): “todo abismo é navegável a barquinhos de papel”, frase escrita por Guimarães Rosa no conto *Desenredo* (1967/2001).

Não sabemos bem ao certo quando essa frase nos surgiu, provavelmente há muitos anos atrás. Temos o registro de sua presença na banca de defesa de tese de uma colega do NU-PPEC\_eixo2. Às vésperas desse ritual de passagem, uma bolsista de Iniciação Científica construiu um barquinho de papel e grafou nele a frase. Uma foto feita, em seguida, deu vida a esse tempo: o barquinho de papel, a frase gravada, o cenário de uma sala-de-aula com um quadro branco borrado ao fundo. A frase deve ter nos surgido pela primeira vez em um momento crítico como uma espécie de amuleto a nos informar que, em muitas ocasiões, a fragilidade pode se converter em força. Certamente um transatlântico não atravessaria um abismo (se partiria em muitos pedaços). Um barquinho de papel, em sua fragilidade, pode moldar-se às sinuosidades do terreno e seguir a travessia, ainda que ela implique transpor alguns precipícios.



Essa frase, dita ali, na avalanche do horror, pois, como lembra Guimarães Rosa nesse mesmo conto, “o trágico não vem a conta-gotas” (Rosa, 2001, p. 187), revestiu-se de ainda mais força e sentido, a ponto de configurar parte importante da constelação que nos fez eleger como imagem para o \_eixo2 um barquinho de papel. Uma imagem que nos abre para muitas linha associativas, que presentifica a fragilidade como elemento de enlace, que privilegia o trânsito, o movimento, como desejo que nos anima, que indica a comunidade como sustentação para as travessias (um barquinho, por menor que seja, navega mais seguro se tem uma tripulação para tomar-lhe conta). Na transposição das línguas, de nosso português corriqueiro à formalização psicanalítica, a fragilidade traduz desamparo, a comunidade refere-se ao outro que atualiza a extensão do ‘Outro’ de que somos herdeiros, e a travessia é uma boa versão para passagem/passe como horizonte a alcançar no percurso de uma transferência, afinal, como nos lembra Jean Allouch, em *Letra a Letra*, “a saúde mental é passar de uma coisa a outra” (1995, p. 7). Lembramos também de Neruda em uma das inesquecíveis passagens de *Confesso que vivi*: “Como Don Miguel de Unamuno tinha aprendido a fazer passarinhos de papel. Construía um de longo pescoço e asas estendidas que depois soprava. A isto chamava de dar-lhes um *impulso vital*” (Neruda, 1974, p. 40).

Em março de 2020, vimo-nos novamente diante do desafio da travessia, da necessidade de juntas desenharmos outra margem por meio de outros impulsos vitais. Por conta da pan-

demia do Covid 19 fomos, subitamente, arremessados para o trabalho remoto. No início, muitos de nós pensávamos que seria por um tempo curto, quinze dias, no máximo um mês. Aos poucos, fomos realizando a ideia de um tempo estendido que demandaria criar uma forma de estamos juntos. Fomos, então, experimentando a necessidade de encontrar vias de compartilhamento para nosso desamparo, não mais vivido como condição inerente à posição de sujeito do desejo, mas como afeto produzido por uma estratégia política de desativação das forças vivas que permitem aos humanos encontrar saídas diante da insurgência do real. Do desamparo ao desalento, isolados e presenciando o descaso com a vida de um governo implicado com a morte. Nessa atmosfera nossos encontros se tornaram urgentes e de algum modo se converteram em pequenas janelas de respiro.

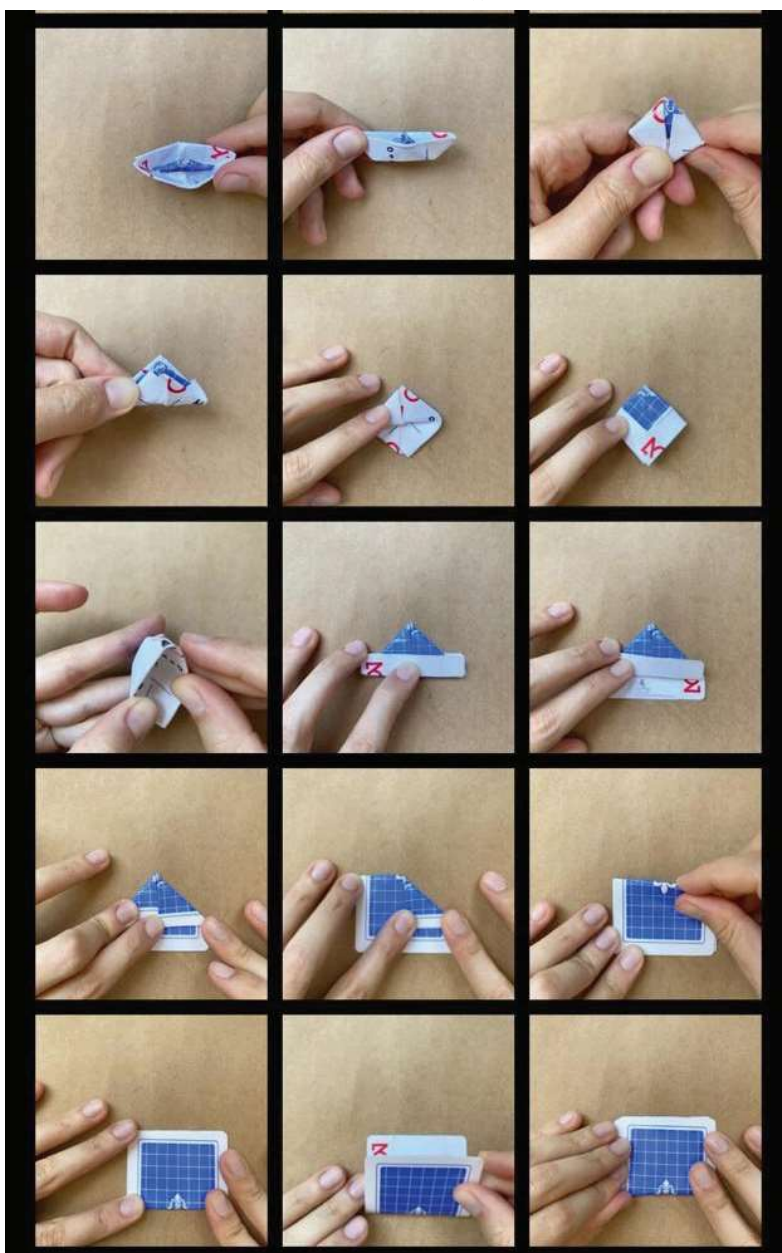
Para o ingresso no trabalho remoto, planejamos nos reunir em torno de verbos – uma tentativa de colocar em causa o horizonte de uma ação diante da sensação de impotência e inação em que nos víamos. Verbos denotam ação e, mesmo que no auge de nossa imobilização, víamo-nos compelidas a agir com/na palavra em sua dimensão político-poética. Colocamos novamente nosso barquinho para navegar águas turvas. Mas agora, em conexão com outro conto de Guimarães Rosa, *A Terceira Margem do Rio* (1962). Conto do qual já havíamos nos ocupado; conto que já havia nos ajudado a avançar no tema da transmissão. Um pai constrói uma canoa, entra no rio e passa a navegá-lo, aparentemente sem rumo, sentido ou



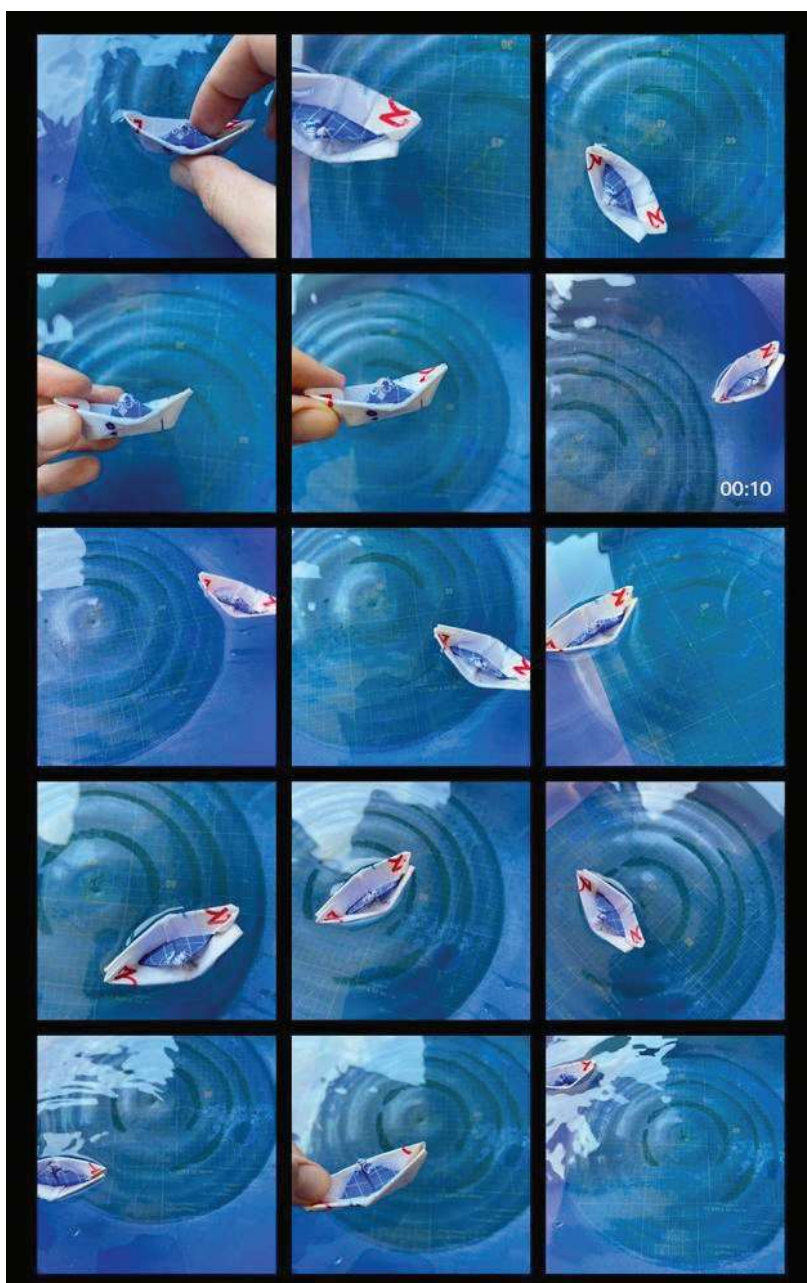
destino... Não mais retorna à terra. Um filho testemunha do enigma da escolha paterna; enigma que ainda que lhe permaneça insolúvel, toma para si, anunciando ao pai, já velho, que o substituirá nesta navegação. A transmissão do desejo talvez responda a essa mesma estrutura: um enigma transmitido e posto a operar de uma geração para outra. O que nos interessava transmitir em nosso desejo de pesquisa? O que queríamos fazer passar em nosso zelo por um pensamento que se vê posto em movimento pelas questões que a psicanálise permite colocar? Escolhemos pensar sobre os verbos que fazem a pesquisa. Ou melhor, *alguns* verbos... pois nada mais antipsicanalítico do que pensar que poderíamos totalizar as balizas que nos conduzem na vida (acadêmica) – sempre haverá um resto, ao que tão precisamente Freud nomeou de inconsciente. Um resto que não alcança ser articulável pelo processo secundário, pelas palavras, mas que, desde sua presença, nos move... na direção de estender o alcance da linguagem. Brincamos, sim, por que sempre estamos brincando: “com quantos verbos se faz uma pesquisa?”. Como Jacques Lacan, apostamos que “quanto mais próximos estamos da psicanálise divertida, mais se trata da verdadeira psicanálise” (1954/1983, p. 94).

Como convite, lançamos o verbo *atravessar*, justamente num momento em que a pandemia se adensava e as fragilidades se acentuavam. E nos lances dos dados de um jogo que sempre nos reúne com regras estáveis e móveis, não tardamos a encontrar “o rio, o rio, o rio” na música de Caetano Veloso *A terceira Margem do Rio*. O rio, o riso, a voz... a voz de Caeta-

no cadenciando o ritmo do encontro, além das imagens feitas na tarde que o antecedeu; imagens do *card*-convite – teaser da reunião - que capturaram um gesto de um brincar-sério de fazer um barco de papel com cartas de baralho e colocá-lo a navegar. A música, o rio, a série de *frames* do barco em imagens fizeram-se “água da palavra” e convidaram cada qual a trocarem cartas de navegação, a narrarem o modo como se percebia atravessando o abismo da pandemia.



imagens por Janniny G. Kierniew



Nesse jogo costureiro da memória cabe ainda acrescentar alguns fios sobre o modo como escolhemos chamar os encontros. Os *cards*-convites trazem a imagem de um baralho. Assim como o barquinho nos acompanha, as cartas nos fazem companhia. Elas entraram em nosso dicionário quando, em um grupo de orientação, uma doutoranda enunciou a proximidade de sua pesquisa a de uma outra doutoranda; proxi-

midade tanto do tema quanto do andamento que ela vinha assumindo. Como se em ambas investigações encontrássemos elementos comuns, ainda que no contexto de sua inserção eles pudessem assumir valores distintos. Essa pontuação nos fez pensar que, no trabalho de orientação coletiva, cada um dos que dele faz parte lança à mesa as cartas de seu pensamento. A generosidade desse gesto permite que outros/as/es que ali estão possam tomá-las para completar seu jogo de escrita, permitindo-(n)os passar de uma partida a outra. Essa disposição de partilha implica uma tomada de posição frente à autoria: não somos donos/as/es das palavras - ou ideias - tecemo-las em companhia para que elas possam se deslocar no plano simbólico e assumir, por conta de sua polissemia, distintos valores em distintas tramas languageiras. Trata-se de um exercício de compartilhamento sustentado em um laço transferencial que permite e enseja confiança.

Sabemos, também, que carta não é um significante qualquer para a psicanálise de Lacan. A palavra que lhe designa, indica também letra em francês (*lettre*), significante com estatuto de conceito na obra lacaniana. Palavra que inclui o endereçamento como parte do que se escreve como inconsciente. A letra/carta contém, em sua escrita mesmo, o endereço a que ela se destina como parte de sua arquitetura – em termos da forma com que se ergue e do conteúdo que veicula; duas faces que, na letra, apresentam-se inseparáveis. O endereço, como parte da letra, abre-nos a possibilidade de indicar que um pensamento não é indiferente ao coletivo em que ele se

gesta. Mais do que não ser indiferente, ele carrega as marcas desse coletivo que pode tanto permitir pensar determinadas coisas quanto obstruir a enunciação de outras – obstruir sem que mova nenhuma força de censura, simplesmente porque os laços que se dão naquele espaço inscrevem determinadas quadraturas para o pensável. Ter em conta essa questão nos torna, no NUPPEC\_eixo2, particularmente sensíveis ao que se desdobra no âmbito de nossa comunidade-pensante.

Ainda como *pontuação* final, nessa série que vai da carta à letra, lembramos do trabalho de Lacan com os textos que lhe chegavam da literatura e, nesse âmbito, especialmente, de sua admiração, tornada homenagem, por Marguerite Duras. Sobre o trabalho da escritora, nos dirá: “que a prática da letra converge com o uso do o inconsciente é tudo de que lhe darei testemunho ao lhe prestar homenagem” (2003, p. 200). Lacan se surpreende ao ler em Duras os elementos que sua transmissão quer mobilizar: ela “revela saber sem mim aquilo que ensino” (Lacan, 1965/2003, p. 200). A transmissão de Lacan nos lega a sabedoria do gesto atento ao que as/os escritoras/es inscrevem com seu trabalho literário. Há obras, que como Sigmund Freud já havia nos lembrado, antecipam o que nós, psicanalistas, na sequência do tempo, iremos formalizar como conhecimento. Por isso, somos profundamente gratos/as a Guimarães Rosa que nos legou este pequeno amuleto que permite grandes passagens: “todo abismo é navegável a barquinhos de papel”.

## Referências

- Allouch, Jean (1995). *Letra a Letra – transcrever, traduzir, translitera*. Companhia de Freud.
- Lacan, Jacques (1954/1986). *Os Escritos Técnicos de Freud*. (Original publicado em 1954). Zahar.
- Lacan, Jacques (1965/2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In *Outros Escritos* (pp. 1-14). Zahar.
- Neruda, Pablo (1974). *Confesso que vivi*. Círculo do Livro.
- Rosa, Guimarães (1962). *A Terceira Margem do Rio*. José Olympo.
- Rosa, Guimarães (1967). Desenredo. In *Tutameia: Terceiras estórias* (pp. 72-75). Nova Fronteira.
- Nova Fronteira.
- Woolf, Virginia (1988). *Orlando*. Nova Fronteira.